

Biopolítica e necropolítica na Amazônia de Dalcídio Jurandir

Oclécio das Chagas Lacerda

Doutor em Filosofia

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: ocléciolacerda@gmail.com

RESUMO

Este texto tem como proposição investigar os pensamentos e a conduta de Eutanásio, personagem do romance *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, para, a partir dos devaneios e das atitudes contraditórias dessa pessoa literária, justificar a presença de biopolítica e de necropolítica nas relações sociais da Amazônia do início do século XX. Constata-se, neste período, a presença de biopoder nos vilarejos de uma pequena localidade da região amazônica, a Ilha do Marajó, que se manifesta não apenas em sua forma preliminar, com os mecanismos disciplinares, mas também em suas configurações globalizantes, como o controle da morbidade. É possível também identificar necropoder na nova forma de ocupação das terras amazônicas pós-colonização, que tem como resultado a formação dos grandes latifúndios.

Palavras-chave: Amazônia. Marajó. Biopolítica. Necropolítica.

1 INTRODUÇÃO

A análise dos pensamentos e das atitudes de Eutanásio, que possibilitou identificar a presença de biopoder e vestígios de necropoder na organização social da Amazônia do início do século XX, se fundamenta na concepção de biopolítica como, segundo Foucault (1999), a manifestação do poder enquanto uma força racionalizada, científica e contínua que atua sobre a espécie humana com tecnologias de regulamentação e controle da vida; e de necropolítica como, de acordo com Mbembe (2016), o surgimento de novas tecnologias deste poder generalizado, que mais do que controlar a vida, se especializa em destruí-la.

Eutanásio é o personagem de Dalcídio Jurandir que melhor reúne de forma poética, em seus pensamentos e condutas, os conflitos sociais, políticos e humanos, constituintes da cultura amazônica do início do século XX. Este herói decadente é repleto de angústia e solidão, alimentadas por um profundo ódio e asco do mundo e também por um autodesprezo e auto-aniquilamento, indício de um tipo de niilismo¹, que se manifesta na Amazônia pós-colonial, como pobreza material e condição de desamparo social. Essa realidade presente em toda a ampla região amazônica brasileira é ressignificada esteticamente, nos romances

¹ Entende-se niilismo a partir da ideia nietzschiana (1974) de “morte de Deus”, para se referir ao um fenômeno próprio da modernidade em que a vida assume uma condição extrema, quando a dor se torna mais real que o prazer e os instintos de destruição e negação se tornam mais fortes que os instintos de criação e afirmação. Uma experiência capaz de levar o ser humano moderno a conceber os valores e os sentidos de sua existência como insustentáveis. Esta concepção de niilismo, enquanto crítica da modernidade está, segundo Mbembe (2006, p. 129), “entre as várias críticas tradicionais da modernidade”.



de Jurandir, a partir de uma localidade específica, a Ilha do Marajó.

Jurandir recria poeticamente o Marajó como um espaço onde reina a decadência e o vazio de um modelo econômico falido: o ciclo extrativista da borracha (1879-1912). Um lugar em que as políticas públicas, tanto do extinto Império, quanto da recente República do Brasil, são praticamente inexistentes. Restando apenas um povo, agrupado em pequenas vilas, sujeitado às vontades dos fazendeiros de gado, que controlam as terras e as pessoas. É este o cenário de *Chove nos campos de Cachoeira*, romance ambientalizado em uma pequena vila, localizada no centro da Ilha, chamada de Cachoeira do Arari.

2 EUTANÁZIO: O ANDARILHO INÚTIL E APAIXONADO

Jurandir descreve Eutanázio como um homem branco de quarentas anos, estatura pequena e consideravelmente feio, que vive na casa de seu pai, Major Alberto, com o qual tem uma relação que envolve indiferença e agressividade. Alberto muitas vezes age de forma violenta, devido ao fato de Eutanázio não querer trabalhar, preferindo viver às custas de seu pai. Essa postura diante do trabalho o faz ser considerado pelo Major como um homem vagabundo, um filho inútil que, embora tenha buscado uma profissão, não conseguiu obter sucesso. Assim, narra Jurandir (2019, p. 104): “Foram apenas dois anos de encadernador e o resto foi a sua vagabundagem solitária, ora em Ponta de Pedras, ora em Muaná com a tia no tempo em que as irmãs estavam em Belém”.

Eutanázio teve oportunidade de estudar na capital Belém, mas logo desenvolveu uma aversão à forma como se ensinava. Só estudava por que sentia medo da palmatória. No início, queria estudar para transformar o mundo, mudar o movimento do sol, acabar com a desigualdade entre rico e pobre, com a fome e com a morte. Mas, logo descobriu que não era essa a utilidade da educação. Então, passou a aprender com aborrecimento ou com indiferença, frieza ou desapontamento. E, em seguida, abandonou a escola para ser encadernador, mas não tendo êxito, nesta profissão, decidiu viver como um andarilho pelo Marajó, até voltar a casa de seu pai. A partir de então, sua vida se resume a longas caminhadas pela trilha que o conecta à casa de seu Cristóvão, pai de Irene, adolescente pela qual alimenta uma paixão atípica.

A paixão de Eutanázio por Irene é a grande imagem poética deste romance, capaz de revelar a mistura de sentimentos e atitudes extremamente contraditórios. E foi em um destes momentos extremos que o andarilho, ao ser rechaçado por sua amada, caminha até a barraca da prostituta Felícia e, dominado por perturbações interiores, se envolve em uma relação sexual, da qual contrai sífilis. Eutanázio teria chegado de Belém e levou presentes para Irene, que recusou de forma histérica, o chamando de velhos e desejando a sua morte. Após esta recusa violenta, Eutanázio vai até à casa da prostituta Felícia, com que tem relação sexual e contrai sífilis.



3 EUTANÁZIO: A SÍFILIS E A BIOPOLÍTICA

A enfermidade de Eutanázio exige a atenção exterior para o controle do seu corpo. Não somente a família, ao descobrir a doença, ordena que o mesmo vá à Belém, buscar tratamento especializado, como também a curandeira, na ausência de médico, assume a responsabilidade de cuidar do doente. Dona Gemi, a curandeira, demonstra preocupação com a saúde de Eutanázio, pois não queria que ele apodrecesse em vida, buscando a todo momento se convencer de que não era vergonha um homem com aquela enfermidade, mas algo natural. E que era preciso pôr o doente à vontade. O sofrimento de Eutanázio perturbou a curandeira que queria, a todo custo salvar aquele homem, do contrário, ele morreria. Sua preocupação foi tanto que dor na consciência.

Teria Eutanásio, ao abandonar os estudos e ao se recusar ser um trabalhador, escapado do poder disciplinar, enquanto primeira manifestação da biopolítica? Porém, agora, este homem considerado inútil é também um homem doente, que corre o risco de perder a vida se não aceitar uma intervenção controladora em seu corpo. Ao contrair esta doença, o corpo de Eutanásio se insere definitivamente na relação global do biopoder?

De acordo com a filosofia de Foucault, as tecnologias da biopolítica se aplicam, dentre vários fenômenos, ao problema da morbidade, principalmente em relação aquelas doenças mais difíceis de extirpar. Doenças que passam a ser concebidas, nesta nova relação de poder, como um fenômeno de população e não mais como simples causadora de mortes sobre uma pessoa em particular. E precisa ser extinta porque, segundo Foucault (1999, p. 290) promove a “subtração das forças, diminuição do tempo de trabalho, baixa de energias, custos econômicos, tanto por causa da produção não realizada quanto dos tratamentos que podem custar”. Quanto à Eutanásio, a doença, aprofundou ainda mais sua condição de um homem socialmente inútil. E o imaginário popular justifica esta inutilidade social ao considerá-lo uma pessoa perdida, podre por dentro, portador de uma doença impura, por ser proveniente do sexo.

4 EUTANÁZIO: O LATINFÚNDIO E A NECROPOLÍTICA

Eutanázio não somente é considerado pelas pessoas como um homem impuro, mas também ele próprio se sente podre por dentro, o que aumenta suas perturbações interiores a ponto de ganhar destaque no decorrer da narrativa. Teria este acontecimento aprofundado a solidão, o autodesprezo, as angústias e as náuseas de Eutanázio, a ponto deste desenvolver uma vontade de matar? A suposta efetivação desta vontade não poderia mudar os rumos do romance, levando-o a um final trágico, com homicídio e suicídio? Nesta condição de perturbação profunda seria possível a manifestação, ainda que embrionária, do necropoder no corpo de Eutanázio? Em momento de desespero, Eutanázio planeja matar a prostituta que o transmitiu sífilis, e em seguida, se suicidar. Mas logo desiste do plano ao pensar na terrível realidade de extrema pobreza em que ela vive. Assim como pensa em matar a sua amada e se libertar dessa paixão não correspondida. Mas

muda de ideia por acreditar que a melhor maneira de se livrar da lembrança de Irene é estar com ela.

Segundo Mbembe (2016), a necropolítica se manifesta, no mundo contemporâneo, de três formas: como guerra, como resistência e como luta contra o terror. Utilizando-se de mecanismos jurídicos que justifique a declaração de guerra ou de intervenções militares, o soberano conquista e exerce o direito de matar, contrariando, desta forma, o princípio da lei de proibição do homicídio. A soberania, para o filósofo camaronês, seria não apenas o exercício do direito de matar como também a escolha do local onde se deve morrer. Ao contrário do biopoder, que se dissolve pelos corpos biológicos e pode estar em toda parte, o necropoder precisa de um local definido para se manifestar: os campos da morte.

O necropoder, que utiliza meios tecnológicos e justificação jurídica para efetivar a eliminação da vida humana, não alcançou, em Eutanázio, a condição de manifestação política. Seu desejo de matar está mais ligado a um estado patológico, que não se consumou. Porém, é possível que haja vestígios de um tipo particular de necropolítica nas relações sociais em que o personagem dalcidiano está envolvido. Podemos encontrar, na Amazônia pós-colonial, uma judicialização da morte, que se originou a partir da guerra dos cabanos, entre os anos de 1835 e 1840, como uma nova instrumentalização da prática de matar, em que os profissionais especializados no uso de armas de fogo são trabalhadores à serviço dos latifundiários, que utilizam a floresta como campo da morte, para, neste local, realizar conscientemente os homicídios daqueles que se recusam aceitar a demarcação dos limites do latifúndio.

Esta forma bem particular de necropolítica é justificada, por aquilo que Mbembe chama de “imaginários culturais”² como a necessidade de ocupar terras desocupadas e assim, com a exploração de seus recursos naturais, gerar riquezas aos homens. Essa é uma das justificativas que legitima o direito de matar os habitantes das florestas, índios, negros e caboclos. No final do romance, Eutanázio, já moribundo, com sua doença em estágio avançado, recebe a visita do Doutor Casemiro Lustosa, um advogado bem sucedido, homem aparentemente gentil, simples e atencioso, que veio ao Marajó para instalar uma grande fazenda, capaz de reunir todos os campos numa só propriedade. E, com a justificativa de haver uma empatia deste homem com o povo da vila, conseguiu, com o consentimento de todos, demarcar suas terras:

Que simplicidade em pessoa! Como sabia falar baixinho no Cartório, como sabia pousar a mão, de leve, no ombro das pessoas que em tão poucos minutos sabia envolver e dominar! Fez-se a demarcação. A cerca do arame farpado veio até perto do fundo das casas da rua das Palhas. Então, doutor Lustosa, alto e dominador, abraçando os que o rodeavam e admiravam, disse:

- Estão vendo o espetáculo? Vejam! Só a cerca de arame já dá uma ideia do que será o Bem Comum e de quanto Cachoeira vai lucrar. Está bonita a cerca. Já dá um aspecto de civilização, não acham? Já lembra as granjas americanas... (JURANDIR, 2019, p. 336)

² O imaginário cultural é um conjunto de concepções introduzidas na imaginação popular para justificar a segregação racial e territorial, a ocupação de grandes áreas de terras e legitimar o exercício da soberania e seu direito de matar: “Esses imaginários [culturais] deram sentido à Instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania” (MBEMBE, 2016, p. 135)



Para aumentar ainda mais a angústia e o sofrimento de Eutanázio, que não tinha qualquer empatia por Doutor Lustrosa, este articulou com o governo do Estado a publicação de um decreto que elevou à categoria de *Cidade* a Vila de Cachoeira. Esta mudança na forma de organização social do povo marajoara aponta para a criação de outro imaginário cultural responsável por justificar a suposta presença de necropolítica na Amazônia, a saber, de que os seres que habitam a floresta, ao contrário das pessoas civilizadas das cidades, são comparáveis aos outros animais, selvagens e nocivos à vida humana, por isso uns precisam ser eliminados, outros segregados. Nesta justificativa está aquela concepção agambiana de “vida nua” (*Zoé*), utilizada por Mbembe para fundamentar sua ideia de necropolítica.

A vida nua é um tipo de vida, segundo Agamben (2002), incluída no espaço altamente artificializado e dominado pelo biopoder. Sua inclusão ocorre na forma de exclusão. É uma vida para morrer, que, ao não se submeter à ordem das formas jurídicas, perde a proteção da soberania. O ser humano de vida nua é o *homo sacer*, que possui uma vida matável e insacrificável, que pode receber a morte de quem quer que seja, sem que isso signifique para o assassino, crime, mácula ou sacrilégio. Na Amazônia, podemos identificar este tipo de ser humano com os índios, os negros e os caboclos do período pós-escravidão, que habitam o interior da floresta. No romance de Jurandir, a chegada do Dr. Lustrosa ao Marajó é o marco referencial para o estabelecimento desta forma moderna de extermínio dos povos amazônicos.

Em *Chove nos campos de Cachoeira*, Dalcídio descreve um Marajó segregado entre os brancos, proprietários de terras e os caboclos, descendentes de índios e negros, que habitam a floresta ou vivem em pequenas vilas. Um tipo de segregação, herdeira do período colonial, baseada naquilo que Mbembe (2016) chama, fundamentado na filosofia fanoniana, de “princípio da exclusão recíproca”³. Esse princípio estabelece a divisão compartimentada do espaço colonial invadido pelo colonizador. A compartimentalização é responsável pelo estabelecimento de fronteiras, propriedades, relações sociais, hierarquias, extração de recursos e pela produção dos imaginários culturais. A cerca de arame farpado demarca o espaço em que os caboclos não podem mais ter acesso. Esta área possui um proprietário de direito, que, com os documentos registrados no cartório, impõe suas regras. E, no caso de resistência dos colonos em se retirar das terras, pode ser utilizado os serviços dos pistoleiros, contratados pelos latifundiários para manter a segurança da propriedade, sendo garantido a eles o direito de matar aqueles que se recusam a aceitar o novo ordenamento das terras. O assassinato é geralmente justificado nas comunidades locais, como um ato de garantia do direito à propriedade privada. Assim, temos o estabelecimento da soberania na Amazônia do século XX.

5 AS VIVÊNCIAS DE EUTANÁZIO

Eutanázio transita pelos espaços segregados: ora reside na casa do branco, ora caminha pela floresta

³ *Os condenados da Terra*, I, p, 27



até chegar na casa dos negros, onde mora Irene e sua numerosa família. São locais separados pela floresta e interligados por caminhos. Este movimento do personagem dalcidiano pode ter influência em sua subjetividade a ponto de o caracterizar como aquele que possui três tipos de vivências: a familiar, com seu pai, major Alberto, seus dois irmãos, Mariinha e Alfredo, a esposa do major, D. Amélia e a amiga da família, D. Gemi, a curandeira; a outra vida é a aquela solitária, que ocorre frequentemente durante suas caminhadas pelos campos e trilhas da vila; e o terceiro tipo de vivência é o de suas visitas constantes à casa de seu Cristóvão, avô de Irene. Nesta casa também moram D. Djanira, esposa de Seu Cristóvão, D. Tomázia, mãe de Irene, Raquel e Mariana, filhas do primeiro casamento de seu Cristóvão, Rosália, irmã gêmea de Irene, e Bitá, filha do atual casamento de seu Cristóvão.

Estas três vivências se caracterizam como momentos distintos na existência de Eutanázio, tanto do ponto de vista social, que engloba sua conduta, como também do ponto de vista psicológico, no que se refere às suas perturbações interiores. Mas em que sentido a análise dessas vivências podem ser interpretadas no contexto da relação de biopoder e de necropoder?

5.1 PRIMEIRA VIVÊNCIA

No primeiro tipo de vivência é possível identificar a manifestação de biopoder na estrutura da habitação e na organização familiar de Eutanázio. A casa é um chalé, diferente das outras casas da vila, e o chefe da família, Major Alberto, exerce um poder mais de controle do que de dominação, tanto nos familiares, quanto nos habitantes do vilarejo. O biopoder que se manifesta através do corpo de Alberto é decorrente do cargo público que ocupa, intendente e auxiliar do promotor público, e também pelos seus conhecimentos oriundos principalmente de revistas e jornais nacionais e internacionais, aos quais tem contato por ser dono de uma tipografia que imprime jornal local. Seus conhecimentos estão à serviço da dominação principalmente quando viabiliza, no cartório municipal, a apropriação fraudulenta de terras para entregar aos latifundiários.

A resistência ao poder de dominação e controle exercido pelo Major Alberto dentro do chalé ocorre, pelo menos, de duas maneiras: uma delas é no seu casamento com D. Amélia, negra e descendente de escravos que, em determinados momentos, se impõe e acaba por exercer domínio sobre o marido branco, principalmente no que corresponde aos estudos de Alfredo. E a outra é a sua impossibilidade de proibir determinados comportamentos de Eutanázio, assim como de impor a ele outro tipo de conduta. O pai coage o filho a buscar tratamento para sua doença, mas não é atendido. Ao contrário, o filho não aceita a ajuda de D. Gemi, que sempre traz remédios, e este se recusa tomar. Major Alberto impôs horário para Eutanázio retornar a casa, após suas caminhadas e, como este constantemente não obedece tais regras, as noites são sempre acompanhadas por longas e severas discussões.

A vivência familiar de Eutanázio no chalé é marcada por conflitos contínuos. Até mesmo Alfredo

alimenta uma relação conflituosa com seu irmão mais velho. Em seus monólogos interiores, o garoto questiona o comportamento genioso de Eutanázio, que sempre está numa sala escura, permanecendo quase despercebido por todos os membros da família. Sua enigmática doença, que parece invadir todo o chalé, é um mistério para o menino, comparada às feridas de seu corpo, que apesar de saradas deixaram marcas nas pernas e na nuca.

Com um sentimento ainda mais conflituoso que Alfredo, D. Amélia desenvolve uma espécie de tolerância, ao limite, em relação ao excesso de atenção e visita de Eutanázio à casa de seu Cristóvão, a ponto de se descuidar de sua própria saúde. Muitas vezes o andarilho chega no chalé extenuado, com fortes dores, fraco, e a “pretinha de pé no chão”⁴, sempre disposta a ajudar. Mas, chegou um momento que D. Amélia rompeu o silêncio e disse umas palavras duras e rápidas sem que Eutanázio tivesse tempo para responder e desta forma, os dois romperam qualquer tipo de relação.

5.2 SEGUNDA VIVÊNCIA

O segundo tipo de vivência se manifesta nos momentos solitários de Eutanázio, principalmente durante suas caminhadas pelos campos de Cachoeira de Arari ou pela trilha que o leva do chalé à casa de seu Cristóvão e vice-versa. Sempre caminhando devagar, um pouco curvo, com sua bengala e de gravata. Nesta condição solitária afloram suas reflexões mais profundas e dolorosas, como a dos motivos que o levaram a contrair sífilis, seu desejo ora de dominar sua paixão por Irene, ora de se entregar totalmente a ela, sua relação conflituosa com o pai e o com D. Gemi e o desejo de mostrar a ela sua doença.

A solidão desperta, em Eutanázio, as memórias mais distantes e traumáticas, a ponto de imaginar que sua doença física seria uma doença da alma, que porta desde a infância. Mas lembrar de sua infância é como mergulhar em um mar de tristeza, indecisão e infelicidade. Uma dessas lembranças é a de constantemente ser agredido por seu pai. Outra é a bofetada que levou do garoto Marcelo, na escola. Essa agressão o afastou das amizades e o fez alimentar um tipo de solidão que o deixava à parte, se deliciando com as brigas dos colegas, como descreve Jurandir (2019, p. 50): “Eutanázio ficava de parte deliciando-se com as brigas. Era-lhe uma festa. E, neutro, satisfeitiíssimo, apertava a barriga, com as risadas curtas e abafadas, solitário e feliz, gozando a luta”.

Eutanázio, prosseguindo sua caminhada à casa de seu Cristóvão, recorda ainda da primeira profissão idealizada na infância. Pensa em ser general, por sentir uma forte e sombria vocação para chacina. Lembra ainda de seu gosto pelas brigas, principalmente com suas irmãs, de buscar nos livros as gravuras de batalhas e de mortes pois a guerra era a sua fascinação. E, nos momentos de raiva, o garoto planeja destruir, combater e castigar as outras pessoas, demonstrando gostar de pintura de batalhas, morticínios e devastações. Pouco tempo depois, abandona essa ideia para ser enfermeiro, e começou a cuidar dos animais. Porém, seu desejo

⁴ Esse termo foi criado por Dalcídio Jurandir para identificar o caboclo marajoara.



foi logo extinto quando um galo o beliscou e acabou sendo violentamente repellido por seu enfermeiro. Somente após sua desilusão com os animais decidiu ser encadernador, por acreditar que os livros poderiam revelar a dor do gênero humano, uma outra vida, que se desenrola dentro de cada criatura neste mundo.

Este momento solitário de Eutanázio, que o leva em suas caminhadas a rememorar momentos traumáticos de sua infância funcionam como uma espécie de auto-análise, no sentido freudiano. Seus efeitos são, por um lado, o esgotamento do corpo, por outro fazem florescer à consciência sua obsessão, suas sensações confusas e seus conflitos interiores. Esta caminhada solitária, que dura em torno de meia hora, é um terapia catártica para Eutanázio, na medida em que estes momentos passageiros se tornam estados momentâneos de felicidade, uma espécie de paz e beatitude que advém da floresta amazônica.

5.3 TERCEIRA VIVÊNCIA

A terceira vivência de Eutanázio se desenvolve na casa de Seu Cristóvão. Sua paixão incontrolável por Irene o leva a frequentar esta residência, onde vivem pelo menos três famílias de caboclos em profundo estado de pobreza material. Mas, este desejo de estar a qualquer custo com sua amada, característico do amor-paixão⁵, em nenhum momento se consuma. Eutanázio manifesta indiretamente seu desejo por Irene, muitas vezes com presentes e olhares que, sempre é respondido com riso de escárnio, nojo, e palavras de desprezo. Eutanázio trouxe presentes de Belém para Irene, que não aceitou por ser de baixo valor.

A paixão de Eutanázio por Irene, comparada a um vício descontrolado, promove diversas transformações em seu corpo e na sua subjetividade. Uma delas corresponde ao seu adoecimento de sífilis, cuja reação foi não buscar tratamento, mas reprimir seus desejos sexuais, a ponto de, na maior parte do tempo, não desejar a amada. Outra transformação ocorre no comportamento de Eutanázio e está diretamente associada às duas residências que frequenta. Enquanto no chalé é um homem sempre de sério e mal-humorado, na casa de seu Cristóvão é uma pessoa solícita e atenciosa, sempre levando presentes as mulheres que ali vivem. Quais seriam as razões para esta mudança de comportamento?

Talvez porque, na casa de seu Cristóvão, as relações de poder possibilitem a Eutanázio condições mais propícias de controle e manifestação de força. O desprezo e o rechace de Irene exercem um poder repressivo em seu amante que, envolvido pela patologia do amor, se transforma em autorrepressão. Esta atitude autorrepressiva é responsável pelo surgimento das reflexões mais profundas, cujo efeito é o controle do comportamento. Mas Eutanázio também exerce poder na casa de seu Cristóvão, que se materializa principalmente nos presentes, cuja função principal é diminuir o excesso de hostilidade de Irene e manter a relação de afetividade com os demais membros da família.

Esta forma de autoridade moral, exercida por Eutanázio, é uma manifestação de poder, adquirida

⁵ Segundo Stendhal, existem quatro tipos diversos de amor: o amor-paixão, o amor-gosto, o amor físico e o amor de vaidade. Sobre o primeiro, afirma o romancista (2011, p. 11): “o amor-paixão leva-nos a atravessar todos os nossos interesses”.

pela sua condição de homem branco e pode ser uma representação poética da divisão social, justificada pelo racismo pós-colonial na Amazônia do tempo de Jurandir, a saber, os brancos, detentores das terras, dos meios de produção e da administração da República, e os negros, legalmente livres, mas vivendo em condições de pobreza, agrupados em casas de madeira nas vilas, ou isolados nas taperas⁶ às margens dos rios marajoaras. Mas mantendo ainda uma relação de dependência, principalmente financeira, com o seu antigo colonizador.

A casa do branco é o chalé, com uma arquitetura diferenciada, isolada das outras casas da vila, principalmente no inverno, quando a maré cresce inundando os campos. Mesmo assim, nesta casa, chegam os catálogos do Rio de Janeiro e da Europa. Ela está conectada com o resto do país e com o mundo, por ser o prolongamento da República na localidade. Já a casa de seu Cristóvão é o local do negro, um aglomerado de pessoas lutando para sobreviver, dividindo metro a metro os cômodos da habitação, em meio a diversos tipos de doenças, sem saneamento e sem renda, sem educação e sem bons modos, como descreve Jurandir (2019, p. 45): “Irene bate os pés para D. Tomázia e come sem termos na mesa. Come com a mão e com a faca, uma vez comeu com o pé, um pedaço de banana entre os dedos”.

6 EUTANÁZIO: DEIXAR-SE MORRER PARA FAZER-SE VIVER

As caminhadas de Eutanázio do chalé à casa de seu Cristóvão, em uma trilha alagada, de difícil acesso, se transforma, com o agravamento de sua doença, em um penoso sacrifício. Seria apenas a paixão por Irene que o leva, mesmo doente, a manter suas caminhadas? O que o faz mudar de comportamento quando está entre os caboclos? Qual o sentido poético desta vontade de estar próximo de Irene a ponto de desgastar seu corpo ao limite? Esse caminho é, para Eutanázio, o caminho da morte. Ao invés de procurar a cura para sua doença e, assim, se inserir no contexto do homem moderno, que busca viver a qualquer custo, aceita lentamente o fluxo da natureza, pois para Jurandir (2019, p. 342): “A morte é a volta ao estado natural”.

Diante da máxima da biopolítica, interpretada por Foucault (1999, p. 287): “Fazer viver e deixar morrer”, Eutanázio, homem branco, filho do Major Alberto, deveria se inserir na primeira afirmação, mas, por sua própria vontade, aceita a morte. E, embevecido de amor por Irene, se insere no mundo dos negros, índios e caboclos, deixados para morrer. Assim, seu corpo, em forma de resistência, passa a integrar a rede de relações do biopoder. Um corpo dotado de razão, que ao invés de buscar a vida como negação da morte, preferiu viver a própria morte, experimentando-a até suas últimas consequências, a ponto de alcançar, no momento da passagem do animado para o inanimado, outro princípio, que inicia um novo movimento cíclico da natureza, o ciclo da morte à vida.

Esta concepção, cujo imperativo é “Deixar-se morrer, para fazer-se viver” estaria talvez presente nos

⁶ Pequenas palafitas estruturadas de palmeiras de açai, com paredes e coberturas de palha



romances de Jurandir como proveniente da crença xamã e pajé. Segundo esta concepção dos povos antigos da Amazônia, os mortos tem um espaço na Terra e, por isso, é necessário mantê-los vivos na memória. Nesse “culto dos mortos”, os rios e a floresta possuem consciência humana. Tudo vive em função das águas. A floresta é concebida como o espaço de solidão, onde os seres humanos e míticos ocupam o mesmo ambiente. É da floresta que vem a possível cura para as enfermidades. Ela é um espaço da criação, do cultivo e do culto. Em seu movimento contínuo, de passagem de um dia para outro, os seres míticos se renovam.

7 CONCLUSÃO

A principal concepção defendida neste texto é que existe um tipo de biopolítica, com vestígios de necropolítica, se desenvolvendo na Amazônia no início do século XX. A formação dos vilarejos e dos latifúndios marcam o começo deste processo de destruição da vida amazônica. O texto literário de Dalcídio Jurandir fornece imagens poéticas que corroboram esta tese. Por fim, poderíamos ainda extrair, deste estudo, a seguinte conclusão: Um século após o surgimento deste fenômeno político na Amazônia é possível constatar a existência tanto do biopoder como de sua versão mais nefasta, o necropoder que, em seu desenvolvimento, alcançaram proporções extremamente elevadas de destruição. Atualmente, o latifúndio se transforma em agronegócio e as cidades estão cada vez mais movidas pela extração industrial dos recursos naturais. Este modo de produção é implementado sobre os cadáveres dos povos tradicionais e da biodiversidade amazônica. Talvez, as perturbações interiores de Eutanásio poderiam, de forma poética, indicar o advento deste exercício racionalizado do direito de matar.



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DANTAS, Viviane. A vida nua na literatura de Dalcídio Jurandir: uma reflexão sobre os campos da Amazônia e os campos de Auschwitz . Revista profanações, Ano 4, n. 02, p. 13-36, 2017.
- FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira S.A, 1968.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- FURTADO, Marli T. Universo Derruído e Corrosão de Herói em Dalcídio Jurandir. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp – Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.
- JURANDIR, Dalcídio. Chove nos Campos de Cachoeira. 8ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. Revista Arte & Ensaio, n. 32, p. 123-151, 2016.
- NIETZSCHE, F.W. A Gaia ciência. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção os pensadores).
- NUNES, Benedito. Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco. Revista Asas da Palavra. N° 19, Belém: UNAMA, 1998.
- NUNES, Paulo. Aqunarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. Revista Pedras de Encantaria. Belém: UNAMA, 2001.
- STENDHAL. Do amor. Porto Alegre: L&PM, 2011.